



I ECPEA

I Encontro Capixaba de Pesquisa em
Educação Ambiental

TECENDO A REDE:
CONSTRUINDO CONHECIMENTO
E COMPARTILHANDO SABERES

LOCAL: CEUNES - UFES CAMPUS DE SÃO MATEUS
DATA: 26 A 28 DE SETEMBRO

T26 – Categoria: pesquisa

A desconstrução do indivíduo como um ser discriminatório na sociedade: contribuições da educação ambiental crítica

**Vilma Rodrigues da Silva Aguiar; Faine Trindade; Luciana Araújo Trindade; Marilena
Cordeiro F. de Jesus; Wesley Virgulino; Rosicleide de Oliveira Santos**
Centro Cultural Araçá

Marilena Cordeiro Fernandes de Jesus
Faculdade Vale do Cricaré
Centro Cultural Araçá

Geysa Mota
Departamento de Educação e Ciências Humanas, Ceunes/UFES

Marcos da Cunha Teixeira
Professor adjunto, Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Universitário Norte do
Espírito Santo, Laboratório de Educação Ambiental – LabEA/UFES

1 Introdução

Segundo os relatos da carta de Pero Vaz de Caminha os índios foram os primeiros habitantes do território brasileiro. Os registros históricos deixam claro que quando os portugueses chegaram em território brasileiro, eles não encontraram uma terra desabitada. A citação abaixo traz um trecho da carta que Caminha enviou ao Rei de Portugal na qual o mesmo relata que além das riquezas na terra descoberta também havia habitantes:

Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijos sobre o batel; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram. Ali não pôde deles haver fala, nem entendimento de proveito, por o mar quebrar na costa. Somente deu-



**Anais do I Encontro Capixaba de Pesquisa em Educação Ambiental
Universidade Federal do Espírito Santo – Campus São Mateus
26 a 28 de setembro de 2018**

lhes um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça e um sombreiro preto. Um deles deu-lhe um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha de penas vermelhas e pardas como de papagaio; e outro deu-lhe um ramal grande de continhas brancas, miúdas, que querem parecer de aljaveira, as quais peças creio que o Capitão manda a Vossa Alteza, e com isto se volveu às naus por ser tarde e não poder haver deles mais fala, por causa do mar (BRASIL, 2015).

Embora esse encontro étnico tenha ocorrido de forma pacífica, os registros históricos revelam que essa relação esteve baseada na escravidão e submissão dos donos da terra à cultura portuguesa.

“A escravidão se caracteriza por sujeição de um homem pelo outro, de forma tão completa, não apenas o escravo é propriedade do senhor, mas como sua vontade está sujeita à autoridade do dono e seu trabalho pode ser obtido até pela força” (PINSKY, 1987, p.13).

Depois de submeter os indígenas ao etnocentrismo a coroa portuguesa deu o seu segundo passo para enraizar e eternizar de vez a escravidão no Brasil, com o tráfico de negros trazidos do continente africano para trabalharem nos canaviais, na extração de madeira de lei e minérios. Para Piana (2009) o modelo agroexportador criado na era colonial foi uma das atividades que gerou grandes lucros para a coroa portuguesa, pois, além de extrair e exportar os recursos naturais, a mão de obra utilizada era oriunda de trabalho escravo, realizada pelos povos africanos. De acordo com Pinsky (1987), os negros chegavam ao Brasil em embarcações que vinham de países africanos. Viajavam amontoados nos porões dos navios em condições precárias e decadente, alguns morriam durante as viagens devido aos maus tratos sofridos. Mesmo depois de ser proibido por lei traficar ou escravizar pessoas o Brasil ainda não se libertou totalmente da escravidão e das injustiças sociais instituídas na sociedade brasileira desde o início de nossa história. A Lei Aurea apenas abriu os cadeados, mas não quebrou o elo das correntes, pois a tão “sonhada liberdade” acabou gerando um problema social e de saúde pública devido ao aumento de doenças oriundas da miséria a qual esses escravos foram expostos. Muitas são as mazelas sociais resultantes do saldo histórico



Anais do I Encontro Capixaba de Pesquisa em Educação Ambiental
Universidade Federal do Espírito Santo – Campus São Mateus
26 a 28 de setembro de 2018



da submissão étnico-religiosa portuguesa aos donos da terra e aos negros. Entre elas, pesa sobre a sociedade atual o preconceito étnico.

A análise do processo histórico de construção étnica da sociedade brasileira deixa evidente que indígenas e negros foram colocados na condição de natureza selvagem a ser dominada e explorada. Assim, ao contrário do paradigma dominante que fragmenta os campos de conhecimento, as análises das questões ambientais na atualidade não podem desvincular as questões sociais das questões ambientais. Dessa forma, é tarefa da educação ambiental debater as relações entre as injustiças sociais, preconceitos e os problemas ecológicos da atualidade.

O presente estudo objetivou debater as relações entre preconceito étnico e meio ambiente a partir da investigação da percepção de jovens atendidos pelo Centro Cultural Araçá, São Mateus-ES.

2 Metodologia

Um dos métodos de pesquisa mais utilizados no campo da educação, a pesquisa qualitativa vem se mostrando de grande valia na avaliação das representações da vida social, história e cultural das pessoas. esse tipo de pesquisa está “[...] preocupada não tanto em quantificar fatos e fenômenos, mas em explicar os meandros das relações sociais, considerando que a ação humana depende estreitamente dos significados que lhe são atribuídos pelos atores sociais.” Seguindo essa linha de raciocínio, este trabalho utilizará a abordagem qualitativa como ferramenta de pesquisa.

Dentro da abordagem qualitativa, a pesquisa caminhou-se pelo método descritivo e experimental proposta por Gil (2002, p. 47): “[...] a pesquisa experimental consiste em determinar um objeto de estudo, selecionar as variáveis que seriam capazes de influenciá-lo, definir as formas de controle de observação dos efeitos que a variável produz no objeto”.



**Anais do I Encontro Capixaba de Pesquisa em Educação Ambiental
Universidade Federal do Espírito Santo – Campus São Mateus
26 a 28 de setembro de 2018**



A pesquisa foi realizada com 25 educandos com faixa etária entre 10 e 13 anos de idade assistidos pelo o Centro Cultural Araçá uma Organização da Sociedade Civil que atua em São Mateus, ES que atende a crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade pessoal e social desde 1994 no contra turno escolar.

Por meio de rodas de conversa, vídeos, produções textuais envolvendo desenhos, recortes de revista e um jogo (evocação de palavras preconceituosas) foram feitas abordagens sobre as diferentes formas de preconceitos. Em seguida, foram avaliadas as possíveis transmutações de conceito referente aos preconceitos presentes nas percepções dos participantes por meio de seus discursos, registros em desenhos e textos os quais foram submetidos à análise de conteúdo. De acordo com Campos (2004), trata-se de um método que permite ao pesquisador fazer análises minuciosas sobre as respostas dos participantes.

3 Resultados e Discussão

De acordo com os adolescentes atendidos pelo Projeto Araçá que participaram da pesquisa os preconceitos não são temas de conversas em suas famílias. Quando perguntado se gostavam de seus cabelos, apenas 02 afirmaram que não, sendo que apenas 6 afirmaram ter cabelos lisos. Entre os participantes, 10 afirmaram nunca ter sofrido preconceito enquanto 9 afirmaram terem sofrido algum tipo. A referência de preconceito mais frequentemente sofrida pelo grupo foi devido ao corpo (10 declarações). Essas declarações são corroboradas em diversos desenhos realizados pelos adolescentes no espaço denominado “vomite o preconceito”, nos quais ilustram os preconceitos sofridos, aparecendo termos como “baleia”, “tatu” e “porco”. Também foram registrados indicações de preconceitos em função do cabelo (6) e da pele (2), o que também foi ilustrado nos desenhos onde aparecem referências a “macaco”, “carvão”, “macumbeiro”. Sobre esse aspecto, Guimarães (2008) analisa que muitas vezes, não percebemos que os



**Anais do I Encontro Capixaba de Pesquisa em Educação Ambiental
Universidade Federal do Espírito Santo – Campus São Mateus
26 a 28 de setembro de 2018**



nossos atos ou os modos de vermos a nós mesmos e aos outros e, são negociações que vamos estabelecendo diariamente com os significados que nos interpelam através da cultura. Gonçalves (2006) também chama à atenção para o uso que fazemos no dia-a-dia de uma série de expressões que trazem em seu bojo a concepção de natureza que temos na atualidade. Entende-se que essas formas de tratamentos, enraizados em nossa cultura, é consequência da relação que construímos ao longo da história, opondo sociedade (símbolo de cultura) à natureza (símbolo de barbárie).

4 Considerações finais

A realização deste trabalho permitiu aos jovens refletir sobre suas ações e as questões que envolvem temas como racismo ambiental, injustiça social e as 'várias formas de discriminação na sociedade atual. Com base nos resultados pode-se afirmar que houve uma ampliação quanto às formas de enfrentamento dessas questões e, especialmente, notou-se uma tomada de consciência dos participantes de que eles são tanto vítimas quanto protagonistas das diversas formas preconceitos.

Referências

BRASIL. MINISTÉRIO DA CULTURA Fundação Biblioteca Nacional Departamento Nacional do Livro < Disponível em <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2015/04/historia-22-abril-1500-esquadra-pedro-alvares-cabral>> Acesso em 06/11/17.

CAMPOS, J. G. **Métodos de Análise de Conteúdo: Ferramenta Para a Análise de Dados Qualitativos no Campo da Saúde**. Revista Brasileira Enfermagem, Brasília (DF); 57(5):611-4.set/out.2004.

GIL, A.C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**-Editora Atlas S.A São Paulo 2002.



**Anais do I Encontro Capixaba de Pesquisa em Educação Ambiental
Universidade Federal do Espírito Santo – Campus São Mateus
26 a 28 de setembro de 2018**



GONÇALVES, C. W. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. Editora Contexto. 2006.

GUIMARÃES, L. B. A importância da história e da cultura na leitura da natureza. **Inter-Ação: Rev. Fac. Educ. UFG**, 33 (1): 87-101, 2008.

PIANA, M. C. **As Políticas Educacionais: dos princípios de organização a proposta da democratização**. Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

PINSKY, Jaime. **A Escravidão no Brasil**. 6ª ed. São Paulo:Global,198



Anais do I Encontro Capixaba de Pesquisa em Educação Ambiental
Universidade Federal do Espírito Santo – Campus São Mateus
26 a 28 de setembro de 2018

